— Muito obrigado, reitor. — Lu Ming Fei se levantou e fez uma leve reverência para Angs, antes de se virar para sair. — Ming Fei. — O reitor o chamou de repente, com uma expressão misteriosa. — Espero que você tenha umas férias bem divertidas. Lu Ming Fei hesitou por um instante, mas logo soltou um sorriso largo. — Claro! Já tenho tudo planejado! Assim que saiu do escritório do reitor, encontrou Fingal encostado na parede, de braços cruzados, esperando por ele. — E aí, conseguiu a licença? — Fingal se aproximou, curioso. — Consegui! — respondeu Lu Ming Fei. — Mas já vou avisando: dessa vez, em Nova York, cada um banca suas próprias despesas. Nada de ficar me pedindo dinheiro. — Relaxa, camarada! — Fingal bateu no peito, largo como o de um urso. — Na última prova 3E, eu lucrei uma boa grana. Tenho dinheiro suficiente pra viajar sem precisar pedir emprestado! — Emprestar? — Lu Ming Fei revirou os olhos. — Você não empresta, você rouba! Nunca devolve nada! Fingal deu uma risadinha, jogou o braço sobre o ombro dele e o puxou em direção ao dormitório. — Hora de dormir, parceiro! Capítulo 31 - Cena Trinta: Um Trio e Uma Viagem (Parte Um) — Anda logo, Fingal! Vamos perder o voo! — Lu Ming Fei, carregando uma enorme mochila de viagem, esperava impaciente na porta do quarto. — Pra que essa pressa toda? — Uma voz surgiu atrás dele. — Pra viajar pra Nova York, ué. — A resposta saiu automática, mas imediatamente ele percebeu que algo estava errado. Virou e viu Nono encostada na parede, ocupada em limpar as unhas com indiferença. — Nono... O que você tá fazendo aqui? — Ele coçou a cabeça, sem jeito. — P merda! O QUE você tá fazendo AQUI? — Fingal pulou para fora do quarto e apontou para ela, gritando. — Nossa, como você fala palavrão com fluência... — Lu Ming Fei suou frio. — Só vim tomar café da manhã com um certo alguém... — Nono continuou mexendo nas unhas, sem levantar os olhos. — Mas parece que esse alguém tá planejando uma viagem pra Nova York... sem me chamar. — Hum... quem foi mesmo que me pediu desculpas da última vez? E disse que da próxima ia me convidar? Foi isso, não foi? — Ela ergueu o olhar brevemente. — Ehh... — Lu Ming Fei sentiu o suor escorrer. — Nono, você... também quer ir? Mas e suas aulas? — Você realmente acha que eu preciso pedir permissão? — Ela soltou uma risada fria. — O apelido de "Bruxa Ruiva" não é à toa, sabe? — Cuidado, Lu. — Fingal sussurrou no ouvido dele, dramaticamente. — Essa mulher pode ficar bem louca às vezes. — Eu tô ouvindo. — Nono encarou Fingal, séria. — Ehh... — Agora era ele quem suava. — Tá bom, tá bom! — Lu Ming Fei interveio rapidamente. — Nono vem com a gente. — Isso é mais like it. — Ela deu um suspiro altivo. — Vamos nessa, então. — ESPERA! — Fingal berrou. — Eu ainda não terminei de me arrumar! Lu Ming Fei olhou para o colega. O que antes era um maltrapilho desleixado agora estava irreconhecível: rosto liso, cabelo engomado e roupas quase elegantes. — O que você tá fazendo? — Ele arrepiou-se ao ver o outro se admirando no espelho. — A gente vai pra passear, não pra pegar mulher. — Você não entende NADA! — Fingal estava exaltado. — O próprio Jesus me disse que vou ter um encontro misterioso em Nova York! — Eu te espero lá embaixo. — Nono já estava virando as costas. — Ficar perto de você diminui o QI. O avião branco e gigante aterrissou no Aeroporto Internacional JFK, em Queens, o maior de Nova York. Dali até o centro da cidade, eram só uns 25 quilômetros. — Nono, chegamos. — Lu Ming Fei cutucou a garota, que dormia encostada nele. — Hmm... — Ela esfregou os olhos e se espreguiçou, revelando por um instante a curva da cintura sob a blusa vermelha e o shorts jeans. Lu Ming Fei desviou os olhos rápido e, em vez disso, sacud Fingal, que roncava ao seu lado. — Dois horas de voo e você conseguiu dormir? — Ele resmungou. — E ainda roncando feito um caminhão. — Ei, e ela, não dormiu também? Por que só eu que me f? — Fingal apontou para Chen Mo Nuo, indignado. — Ele é meu namorado, seu animal. Homem emprestar ombro pra namorada dormir é obrigação. E você, grandalhão, quem é mesmo? — Ela sorriu docemente, antes de finalizar: — Além do mais, eu não ronco. — Sou o irmão mais velho amado dele! — Fingal bateu no ombro de Lu Ming Fei. — Não é, camarada? — Quem? Não te conheço. — Lu Ming Fei fingiu confusão. — TÁ! — Fingal ergueu as mãos. — Vocês venceram. — Mas quando que a Nono virou minha namorada? — Lu Ming Fei murmurou. — O quê? Não tá satisfeito? — Nono bagunçou o cabelo dele e saiu andando, saltitante. Com o anúncio de desembarque, os três se misturaram à multidão. Felizmente, o tamanho de Fingal ajudou a abrir caminho. — Pelo menos pra isso você serve. — Lu Ming Fei riu. — Você me magoou, Lu... — Ele levou a mão ao peito, fingindo-se ferido. Lu Ming Fei ignorou e ficou olhando as placas

de busca na área de desembarque. O aeroporto estava lotado, abafado e barulhento, sem ar-condicionado para aliviar. — Os EUA são mesmo um lixo — pensou, irritado. — Nem no aeroporto ligam o ar. Tanta grana e não gastam com conforto. Várias placas com nomes estrangeiros se erguiam, cada uma à espera de alguém especial. Aeroportos eram assim: repletos de despedidas e reencontros. Lu Mingfei teve um flashback da estação de trem no período de migração do Ano Novo Chinês, quando sua tia levou a família para viajar. Lembrou-se dos trabalhadores migrantes amontoados, com malas baratas e sacos plásticos espalhados pelo chão. Mas sabia que ali, no aeroporto, não havia gente comum — as bagagens aos pés dos passageiros eram elegantes e caras, incluindo marcas luxuosas como Louis Vuitton e Burberry, que ele só reconhecia pelas estampas. Exceto por um homem. Vestindo um macacão azul-acinzentado, máscara no rosto e cabelo preto desgrenhado, ele tinha sobrancelhas caídas que davam ao seu rosto um ar cômico. Segurava uma plaquinha rosa em forma de coração com os dizeres: "Mingming". — Ei, Lao Tang! — Lu Mingfei acenou entusiasmado. Lao Tang o avistou e se arrastou contra a maré de passageiros até alcançá-lo. Os dois se abraçaram com força. — Lao Tang, quanto tempo! — Lu Mingfei encarou aquele rosto que só existia em suas memórias, a antiga figura melancólica que agora ganhava vida diante dele. Ronald Tang estava ali, de pé. Ele apertou o rosto de Lao Tang por cima da máscara, depois a abaixou para vê-lo melhor e deu-lhe uma palmada no ombro. — Mingming... — Lao Tang fez uma cara estranha. — Você não é... digamos, do outro time, né? — Que isso! — Lu Mingfei negou, agitando as mãos. — É que faz tempo que não te vejo, fiquei emocionado. — A gente não fez vídeo-chamada semana passada? — Lao Tang coçou a sobrancelha engraçada, confuso. — Ah, quando eu digo "faz tempo", é faz tempo! — Lu Mingfei revirou os olhos. — Pode ficar tranquilo, meu gosto é supertradicional, nada de aventuras! No passado, Lu Mingfei chegara àquele país como um completo estranho, cheio de dúvidas e inseguranças. Mas conhecer Lao Tang fizera com que Nova York — especialmente o Brooklyn — parecesse um pouco mais acolhedor. Havia alguém ali disposto a ajudá-lo, com uma atitude quase paternal. Lao Tang olhou por cima do ombro de Lu Mingfei para Nono, que mastigava chiclete. — Nossa, que menina! É sua namorada? — Não, nada disso — Lu Mingfei explicou. — É minha senpai. [Aviso do sistema: "Senpai" mantido como em japonês, por ser termo amplamente reconhecido em contextos de anime/manga. Alternativa seria "colega mais velha", mas perderia o tom.] — Ah, deixa eu apresentar — virou-se para os outros. — Esse é meu amigo Lao Tang. E, para Lao Tang: — Esse é meu colega Fingal e minha senpai Chen Motuo — ela também é de origem chinesa. Como se ímãs os atraíssem, Fingal e Lao Tang trocaram olhares de reconhecimento instantâneo. — Caraca, mano! — Fingal avançou para apertar a mão de Lao Tang. — A gente não é irmão perdido, é? — Tô com a mesma sensação! — Lao Tang quase chorou. — Parece que já se conhece a vida toda! — Ei, podem parar com esse drama no meio do aeroporto? — Nono cruzou os braços, voz gelada. — Se querem fazer pacto de sangue, arrumem um jardim lá fora. Eca. Lao Tang, intimidado pelo olhar afiado dela, pegou Fingal pelo ombro e saíram arrastados pela multidão. Nono esticou suas longas pernas e, naturalmente, entrelaçou o braço no de Lu Mingfei. Ia começar a andar, mas percebeu que ele continuava parado. — Vamos, qual é? — perguntou, virando-se. Lu Mingfei olhou para o braço dela e fez cara de cachorro abandonado. — Senpai, assim eu não consigo andar... — Ah, para de frescura! — Ela revirou os olhos. — Finge que está me escoltando por essa muralha humana, vai. — Tá... — Ele avançou com passos mecânicos. Se aquilo fosse um filme, sabia que o público o criticaria pela atuação robótica. Quando nervoso, sua mente divagava sem controle. Lembrou-se dos tempos antigos, da relação que tivera com Nono. Se fosse um diretor ruim, sua história com ela viraria uma epopeia estilo Senhor dos Anéis, cheia de cenas aleatórias: ele passando pelo ginásio, vendo Nono de vestido branco praticando balé e sorrindo o dia todo. Coisas sem peso emocional, sem sentido. Um bom diretor resumiria tudo em meia hora. Mas quando as coisas haviam mudado? Nono ainda era a mesma — a bruxinha ruiva de Ferrari, durona e cheia de truques. Não sabia cozinhar (a última "refeição" que lhe dera fora intragável), adorava sorvete da cor do cabelo, acelerava com ele em estradas escuras... Só que agora ela parecia mais leve. Fazia chantagem emocional, implicâncias infantis, contava piadas ruins. Segurava seu pescoço quando feliz, enlaçava seu braço ao andar... No fundo, Nono era só uma garota carente. Ele a fazia sentir

segura? Como? Lu Mingfei não sabia. Estavam quase saindo da multidão, e ele abandonou os devaneios. Do lado de fora, Lao Tang conversava animado com Fingal. Suas sobranças dançavam quando se empolgava. — E ainda diz que não é namorada? — Lao Tang examinou Lu Mingfei, especialmente o braço entrelaçado. — Subestimei você. Chegou aqui e já cativou uma gata. Lu Mingfei não rebateu. Explicar só pioraria. Os quatro saíram do saguão. Lao Tang tirou do bolso uma chave velha e a girou nos dedos. Jogou o braço sobre os ombros de Lu Mingfei, ergueu a chave e levantou as sobranças. — E então? O que acha? Promessa é dívida! Vamos dar uma volta por Nova York no meu "cachorro cinza"! [Nota: "Greyhound" (ônibus) adaptado como "cachorro cinza" para manter o trocadilho com o nome do amigo e a informalidade.]—Não era pra gente dar uma volta pelos Estados Unidos? — Mingfei piscou, confuso.—Aff! — Lao Tang fez cara feia de novo. — Bom... a grana tá curta, não vou poder levar vocês pra muitos lugares!Mingfei não disse nada. Não explicou que cada um ia pagar seu próprio rolê e que ninguém precisava bancar nada. Em vez disso, apenas sorriu e continuou trocando idéia com o Lao Tang. Quando subiram no ônibus Greyhound caindo aos pedaços, Mingfei ergueu o braço e gritou:—Trio em Nova York! Vamo nessa!Fingal ficou confuso:—Por que trio? A gente não é quatro?Mingfei olhou pra trás e falou devagar:—Quem é o cachorro aqui eu não preciso nem dizer, né?—Meu caro juninho, hoje já é a segunda vez que você parte meu coração! — Fingal agarrou o peito, fingindo uma dor dramática.Mingfei deu uma risada sem graça:—Cachorro que é cachorro tem que ter consciência de classe, seu fracassado!—Tá, mas o que a gente vai almoçar? — Nono perguntou, entediada, olhando pela janela. — Tô com fome.Fingal e Lao Tang se entreolharam e responderam juntos, em perfeita sincronia:—A gente tá em Nova York... Só pode ser Burger King!—Então bora! — Lao Tang deu uma risada safada e pisou no acelerador.O velho Greyhound enferrujado rangiu, balançou e começou a andar aos trancos.[Capítulo 32 - Cena 31: Trio (Parte 2)]—Tá meio apertado... — Mingfei reclamou baixinho, se espremendo pra não encostar em Nono enquanto empurrava Fingal.—Aproveita e se amarra na sua namorada aí — Lao Tang dizia, balançando o corpo no banco do motorista ao som do rock que tocava no rádio. — Sou um pobre fodido dos EUA, só tenho carro velho mesmo.

<http://portnovel.com/book/20/3273>